

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DE ARAPIRACA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

IRIS FERNANDA SILVA COSTA

**PEDRO MALASARTES EM DOIS TEMPOS: UMA LEITURA COMPARATIVA DA
PERSONAGEM EM CÂMARA CASCU DO E KLÉVISSON VIANA**

**ARAPIRACA
2020**

IRIS FERNANDA SILVA COSTA

PEDRO MALASARTES EM DOIS TEMPOS: UMA LEITURA COMPARATIVA DA
PERSONAGEM EM CÂMARA CASCUDO E KLÉVISSON VIANA

Artigo apresentado ao curso de
Graduação em Letras, da Universidade
Federal de Alagoas – UFAL/Arapiraca
como requisito parcial à obtenção do título
de Graduada em Letras.

Orientador: Prof.. Dr.. Marcelo Ferreira
Marques

ARAPIRACA
2020

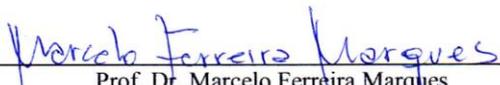
Iris Fernanda Silva Costa

PEDRO MALASARTES EM DOIS TEMPOS: UMA LEITURA COMPARATIVA DA
PERSONAGEM EM CÂMARA CASCUDO E KLÉVISSON VIANA

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Alagoas – UFAL,
Campus Arapiraca, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciada em Letras –
Língua Portuguesa.

Data da aprovação: 19/02/2020

Banca Examinadora



Prof. Dr. Marcelo Ferreira Marques
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
(Orientador)



Prof. Dr. Elias André da Silva
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
(Examinador)



Profa. Dra. Karla Renata Mendes
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
(Examinadora)

PEDRO MALASARTES EM DOIS TEMPOS: UMA LEITURA COMPARATIVA DA PERSONAGEM EM CÂMARA CASCUDO E KLÉVISSON VIANA

Iris Fernanda Silva Costa¹
Marcelo Ferreira Marques²

RESUMO: O presente trabalho se constitui de uma análise comparativa entre em dois textos que têm por personagem principal Pedro Malasartes: a primeira versão, prosa, encontra-se no livro *Contos tradicionais do Brasil* (2004), de Câmara Cascudo; a segunda, em versos, é um cordel de autoria de Klévisson Viana, que tem por título *Pedro Malasartes e o Urubu Adivinhão* (2011), em que há um diálogo constante com a versão de Câmara Cascudo. A partir de observações sobre a trajetória teórico-histórica não apenas da Literatura de cordel mas também da figura de Pedro Malasartes, tencionamos ressaltar pontos de diálogo e adaptações narrativas feitas por Viana no texto de Câmara Cascudo, bem como no de outros autores e buscamos, ainda, indicar pontos de aproximação e distanciamento entre as versões. Para esse percurso, buscaremos aporte teórico em Márcia Abreu (1999) e Diegues Júnior (2012).

Palavras-chave: Literatura de cordel. Análise comparativa. Pedro Malasartes. Câmara Cascudo. Klévisson Viana.

1 INTRODUÇÃO

Malasartes é um personagem nato da cultura popular. O primeiro registro seu de que temos notícia se dá em solo português e sua característica, desde então, é de tolo e humilde, sendo caracterizado também por uma carga humorística. Essas histórias, ao serem levadas a outros países através de tradições orais, foram readaptadas, se misturando a elementos locais. É interessante ressaltar que além de despertar o riso em quem lê tais narrativas, percebem-se também questões ligadas à desigualdade social e à injustiça. Sua sagacidade poderia então ser interpretada, em certos momentos, como um instrumento de resistência utilizado para burlar as dificuldades da vida. Nas interpretações produzidas aqui no Brasil, Malasartes é idealizado como um sujeito humilhado e que vence os mais ricos (e alguns pobres também) por meio da esperteza e da criatividade. Essa talvez seja uma das razões para esse personagem permanecer vivo em diferentes gêneros textuais e em diferentes tempos.

Em razão dessa permanência de sua figura no imaginário popular, este artigo tem como objetivo principal observar a constituição e reconfiguração da figura de Pedro Malasartes, a partir de uma leitura comparativa entre dois textos: uma narrativa de Câmara Cascudo e a releitura dessa narrativa feita por Klévisson Viana, um diálogo entre obras que se distanciam em mais de meio século.

Para entender melhor o universo de onde Pedro Malasartes surgiu, precisamos primeiro conhecer um pouco melhor a literatura popular e especialmente as origens do cordel. A sessão 2 trata desses pontos. Logo em seguida, na sessão 2.1, apresenta a figura do sabido na literatura popular, figura da qual Malasartes é um dos maiores exemplos.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa (Licenciatura) do Curso de Letras – Português, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Arapiraca. E-mail: iriscosta335@gmail.com

² Professor Dr. do Curso de Letras – Língua Portuguesa (Licenciatura), da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Arapiraca. E-mail: marcelo.marques@arapiraca.ufal.br

Na sessão 3, apresenta uma descrição das narrativas e logo após realizamos as análises comparativas. Ao fim da sessão está presente um quadro em que aponta que elementos estão ausentes e presentes entre as duas narrativas.

Em seguida, por fim, apresenta-se as considerações finais.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA E HISTÓRICA DO GÊNERO LITERATURA DE CORDEL

Os cordéis, também são chamados de folhetos. Sua denominação “de Cordel” é consequência do modo de como esses folhetos eram divulgados e vendidos; eles ficavam pendurados em cordas, barbantes ou cordéis. Isso acontecia tanto em Portugal, no século XVII, como no Brasil, a partir do século XIX. Entre outras, essa semelhança faz Manuel Diégues Júnior (2012) estabelecer aproximações diretas entre a literatura de cordel lusitana e brasileira, como se vê na citação abaixo:

O nome de literatura de cordel vem de Portugal e, como todos sabem, pelo fato de serem os folhetos presos por um pequeno cordel ou barbantes, em exposição nas casas em que eram vendidos. Pode-se dizer também que este tipo de poesia está relacionado ao romanceiro popular, a ele ligando-se, pois apresenta-se como romances em poesia, pelo tipo de narração que descreve. A presença de literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas. (DIÉGUES, 2012, p.18).

Foi no começo do século XVI que o cordel lusitano teve origem, à época do Renascimento, dentre outras coisas popularizando os relatos que tradicionalmente eram feitos pelos travadores. No século XVIII, esse gênero literário já era algo comum e os folhetos então passaram a ser conhecidos também como “literatura de cegos”. Isso se deve ao fato de que eram vendidos apenas pelos cegos, juntamente com outros itens, tais como livros de orações, jornais, breviários entre outros.

Quando pensamos nas características que definem em temática e estrutura do cordel lusitano, encontramos alguns problemas, como aponta Márcia Abreu (2011):

Há ainda outros problemas que dificultam a conceituação do cordel português: o gênero e a forma. Não há qualquer constância em relação a esses aspectos: a literatura de cordel abarca autores, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, moralizantes, histórias, peças teatrais, hagiografia, sátiras, notícias... além de poder ser escrita em prosa, em verso ou sob a forma de peça teatral. (ABREU, 2011, p.21)

Portanto, com isso em mente, entendemos que o cordel lusitano não se direciona a um determinado gênero ou modalidade literária. Isso, explicar as fracassadas tentativas de definições.

Percebendo o interesse da população de diversas classes sociais nos textos desses livretos, os editores viram a necessidade de publicá-los por um preço acessível, por isso surgiu a opção de utilizar papel barato, pequenos números de páginas e a comercialização nas ruas. Vale ressaltar também que os textos foram adaptados para atenderem a um público com poucas referências culturais ou em alguns casos, semianalfabeto.

Diegues Jr. (2012), guiado por aproximações e semelhanças, aponta a filiação direta do cordel brasileiro ao lusitano. Contudo, segundo Márcia Abreu (2011), o cordel, como nós conhecemos (folhetos de 12 a 36 páginas, escritos em

estrofes rimadas de 6 ou 7 sílabas) é brasileiro e nordestino. Tem sua origem no Estado da Paraíba, através do poeta Leandro Gomes de Barros. A confusão acontece porque, como já dito, havia uma literatura de cordel portuguesa, que veio para o Brasil. Contudo, esses livros, também populares, eram escritos em prosa, além de apresentarem outras tantas distinções com os cordéis brasileiros. Para Marcia Abreu (2011), essa divergência se dá seguinte forma:

(...) Aqui, havia autores que viviam de compor e vender versos; lá, existiam adaptadores de textos de sucesso. Aqui, os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos; lá, as matrizes das quais se extraíam cordéis pertenciam, de longa data, à cultura escrita. Aqui, boa parte dos folhetos tematizavam cotidiano nordestino; lá, interessavam mais as vidas de nobres e cavaleiros. Aqui os poetas eram proprietários de sua obra, podendo vendê-la a editores, que por sua vez também eram autores de folhetos; lá, os autores trabalhavam fundamentalmente com obras de domínio público". (ABREU, 2011, p.104-105)

No início, a maioria dos autores cordelistas brasileiros eram cantadores, uma vez que as produções dos versos eram feitas de forma improvisada, enquanto viajavam pelos vilarejos, fazendas e cidadezinhas do interior do sertão. Os vendedores também eram leitores e, com a intenção de despertar a curiosidade e o interesse dos clientes, as vendas eram realizadas muitas vezes após a leitura oral dos textos. Para Marcia Abreu (2011, p. 95), "Criava-se assim uma situação próxima à das apresentações orais em que o autor e ouvintes encontram-se frente a frente, possibilitando ao público intervir no curso da apresentação". É interessante notar que essa harmonia entre leitores, autores e ouvintes era algo primordial para as pessoas que sobreviviam desse ofício de compor e vender os cordéis.

Como se vê, esse é um cenário em que a oralidade e a palavra impressa se aproximam. Isso foi permitido, décadas depois, por um evento como a vinda da família Real a solo brasileiro em 1808. A partir de então, diversas gráficas começam a operar no Rio de Janeiro e, tempos depois, em Recife que, na época, concentrava o grande polo de desenvolvimento da região Nordeste e, como consequências disso, livros começaram a ser publicados. No nordeste já existiam os cantadores de viola e os repentistas que por sua vez tinham seus versos decorados em vez de escritos e é de supor que alguns eram até analfabetos.

Em meio a esse cenário de violeiros, cantadores e repentistas surge o nome que deu vida ao cordel brasileiro, Leandro Gomes de Barros, um poeta que sofreu grande influência da cantoria de viola paraibana, mais precisamente da cidade de Pombal. Leandro morou por um período no município de Teixeira que, em meados do século XIX, era o âmbito da poesia e da cantoria nordestina. Mudando-se para o Recife, junta-se ao então cantador Silvino Pirauá, pega todo o seu conhecimento acerca dos folhetos produzidos em Portugal, junta-o a seu conhecimento acerca do nordeste e começam a dar vida a folhetos rimados como os que conhecemos hoje.

Silvino vai compor a história de "Zezinho e Mariquinha", sendo este considerado como o primeiro livreto de cordel a ser publicado e escrito no Brasil; Leandro Gomes de Barros vai criar "A peleja de Manoel Riachão com o diabo". As duas obras foram escritas por volta do ano de 1889, quando o Brasil deixa de ser império e escravocrata e passa a ser então uma República

A partir daí, os dois amigos começam a produzir seus folhetos na cidade de Recife, e é quando a poesia ganha força por todo o Nordeste. Vale frisar que Leandro Gomes de Barros, Silvino Pirauá e José Melquíades Ferreira (autor de um

dos cordéis de maior renome do Brasil: “Romance do pavão misterioso”) constituíam a primeira geração de poetas brasileiros do cordel, que se estende até o ano de 1930.

Depois do ano de 1949, com o surgimento do rádio, da TV e com a chegada de novos instrumentos de comunicação como o jornal nas cidades do interior, o cordel sofre um declive nas suas produções. Nos anos 80, os folhetos continuam mais restritos, chegando até ser considerados em extinção por alguns pesquisadores, uma vez que eles acreditavam no seu desaparecimento total assim como aconteceu em Portugal. Porém, nas bancas de revista, em rodoviárias, em sebos e outros lugares restritos, o cordel permanecia, mesmo com pouca visibilidade, sendo feito e vendido. Com a expansão da internet esperava-se que a poesia sofreria mais uma vez com a falta de interesse em seus versos. Porém, fez-se nascer uma nova geração de leitores do cordel e como consequência disso acontece o ressurgimento do cordel brasileiro. Na sessão seguinte observaremos melhor a figura do sabido na literatura popular, direcionando posteriormente a atenção a Pedro Malasartes.

2.1 Figura do “Sabido” na Tradição Popular

No universo da literatura popular e até dos contos de fadas, é comum encontrar personagens que se utilizam de sua inteligência e esperteza para tirar vantagens de outras pessoas. Às vezes porque se habituaram àquilo, às vezes por necessidade. Como exemplos, temos o Gato de Botas, que por sua vez é um personagem que alcançou o sucesso e a figura de herói por meio de trapaças. O gato é um animal astuto, mentiroso, esperto e ousado, mas que por outro lado consegue fascinar o público em suas peripécias.

Outra personalidade famosa por sua sagacidade é João Grilo, que aparece em vários cordéis de Portugal e do Brasil, e que ganhou fama por causa de *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, que afirma ter baseado sua peça em três folhetos: “O enterro da cachorra”, “O cavalo que defecava dinheiro”, ambos de Leandro Gomes de Barros e por último “O castigo da soberba”, de Silvino Pirauá.

Um outro nome recorrente é o de Camões, que nos folhetos não aparece como o poeta português famoso por ter escrito *Os Lusíadas*, mas sim como um homem de grande inteligência e sabedoria. Um dos textos mais conhecidos em que Camões assim aparece é *As Perguntas do Rei e as Respostas de Camões*, de Severino Gonçalves de Oliveira

Nesse mundo de aventuras, anti-heróis e sabedoria existe um nome muito conhecido e que permaneceu vivo nos contos populares, Malasartes, brasileiromente chamado de Pedro Malasartes. Sua origem está ligada à literatura espanhola e se tornou uma personagem muito presente na cultura portuguesa tendo mais tarde ingressado na cultura brasileira. Como indica o nome em espanhol, *malas artes* é um título apropriado porque Pedro de fato realiza muitas “más artes”, traquinagens e enganos.

Klévisson Viana, num misto de homenagem e de relato da história da personagem, assim abre seu cordel:

Este Pedro Malasartes,
Surgiu em terras distantes,
Como “Pedro de Urdemalas”
(‘Ta na obra de Cervantes);
Veio da Península Ibérica

Pra nossa Latina América
Na mala dos imigrantes. (E. 05)

Pedro Malasartes é um herói picaresco, definitivamente um anti-herói. Por trás da sua imagem de matuto simples e caipira existe um homem dotado de muita inteligência, capaz até de conhecer a fundo a natureza humana. Enganador, vigarista, indolente, astuto, ardiloso, esperto, enfim, são inúmeros os adjetivos que dão qualidade à personagem. Porém, existe uma distinção de características nas qualidades de Malasartes nos contos populares de Portugal e do Brasil. Uma vez que aqui ele é visto como o “sabido”, “tapeador”, “enganador”; lá é o oposto, ganha atributos de “tolo”, de “pateta”, e até mesmo assume papel de “vítima”, enganado.

É comum encontramos o personagem de Pedro Malasartes nos contos populares brasileiros. Suas narrativas são aqueles exemplos tradicionais de histórias grotescas em que um sujeito pobre e simples, consegue a proeza de derrotar os poderosos, ricos e orgulhosos. Ele consegue essas artimanhas fazendo uso exclusivamente de sua inteligência.

Acredita-se que, as narrativas desse personagem originaram-se nos países Ibéricos, sofrendo fortes influências de outros protagonistas existentes nos contos dos Irmãos Grimm e nas histórias Árabes de Nasrudim. Sua mais antiga citação está em um cancionero do século XIII, mais precisamente o “Cancioneiro da vaticana”, em destaque para a cantiga 9418. A partir de então foram surgindo outras histórias e diversos autores escreveram “causos” deste personagem.

Aqui no Brasil, Malasartes chegou acompanhado pela cultura Portuguesa e foi conquistando seu espaço como um protagonista matuto, esperto e ardiloso, mas sempre carregado por sua característica principal de tirar vantagens dos poderosos.

Não é de se estranhar que personagens como esse sempre acabam sendo retomadas pelas novas gerações para protagonizar outras histórias. Por exemplo, em 1960, Mazaropi fez um filme tendo Malasartes como seu personagem principal. Seu papel foi interpretar um caipira singelo e humilde. O enredo tem início com a chegada de Pedro na fazenda de sua família, sendo recepcionado com a triste notícia do falecimento do seu pai. Seus irmãos, aproveitando-se de sua pureza, agem de má fé na partilha da herança, ficando com todos os bens. Malasartes, dono de uma natureza simples, segue seu caminho apenas levando poucas mudas de roupa, um ganso e um tacho velho, que posteriormente serão instrumento primordial para suas trapaças. Desta vez, suas traquinagens têm uma finalidade: alimentar um grupo de crianças abandonadas que o acompanha durante suas andanças. Ele é um sujeito desnordeado, atrapalhado, mas dotado de sentimentos bons, puros e de características simples.

Em 2017, o cinema foi palco de outra comédia protagonizada por esse célebre caipira. “Malasartes e o duelo com a morte” foi lançado, com direção de Paulo Morelli. Nesse filme, mais uma vez, Malasartes continua com sua peculiaridade principal, seu modo sarcástico, esperto e sabido. Aqui, Pedro é perseguido por dois grandes inimigos, um deles a própria “Morte” em pessoa. O intento da “Morte” é ludibriá-lo com a finalidade de que o mesmo assuma sua ocupação monótona de ceifar vidas alheias. Durante toda trama, ele enfrenta seus adversários agindo por meio de trapaças e burlando-os a todo o momento. Consegue ao fim a destreza de enganar a temida Morte.

Na seguinte sessão, iremos nos debruçar sobre os textos que constituem o corpus desta pesquisa.

3 ANÁLISE DO CORDEL “PEDRO MALASARTES E O URUBU ADIVINHÃO”

A partir de então, passemos a explorar e conhecer o texto escolhido – *Pedro Malasartes e o urubu adivinhão* - do poeta Klévisson Viana. Portanto, nos debruçaremos a uma breve descrição do perfil desde cordelista.

Antônio Klévisson de Lima, mais conhecido por Klévisson Viana, nasceu em Quixeramobim, em 30 de Novembro de 1972. Escreve desde a infância e estreou como poeta em 1998. É um artista cearense de Literatura de Cordel, escritor, xilogravador, cartunista, editor e roteirista de histórias em quadrinhos. Em 1995, fundou a editora Tupynanquin.

É considerado um dos principais nomes da Literatura de Cordel atualmente, costuma recitar versos autorais e de outros artistas populares. Sua biografia é recheada com publicações de 21 livros e mais de 100 folhetos autorais com diversas versões voltadas ao teatro, estórias em quadrinho e a TV. Dentre suas obras, destaque para “A quenga e o delegado”, que sofreu adaptações para o seriado “Brava Gente” da Rede Globo(2001).

Em 2005, Klévisson Viana divulgou “As aventuras de Dom Quixote em versos de Cordel”. Seus desenhos estão divulgados em catálogos de vários países como Itália, Bélgica, Holanda e Turquia, seus textos e xilogravuras estão expostos no livro “Charlemagne, Lampião e autres bandits”, Paris- France (2005).

Cantador nato de histórias, Klévisson Viana vive exclusivamente de sua arte, com ministrações de oficinas de cordéis, xilogravuras e HQ. Foi através do seu ofício que ele já viajou por quase todo o Brasil, México e França, vendendo folhetos, realizando palestras e recitais.

O cordel de Klévisson Viana, texto principal do corpus desse trabalho, data do ano de 2011. Além de ser bem mais recente que a versão de Cascudo na qual se inspira, lançada em 1946, dialoga também com toda uma tradição narrativa e de estudos que fala de Pedro, como um sujeito humilde, sem recursos, mas que, como já vimos, se vale de sua inteligência para sobreviver e enganar as pessoas. Dessa maneira, para analisar a obra de Viana e compreendermos como aconteceu essa releitura, quais os pontos que se assemelham e distinguem entre a prosa e a poesia, precisamos conhecer, em um primeiro momento, o enredo contado na história de Câmara Cascudo, e logo a diante a adaptação em Cordel.

3.1 Malasartes e Câmara Cascudo

Em *Contos tradicionais do Brasil*, Câmara Cascudo divide as narrativas que reuniu em categorias. Por exemplo, “Contos de encantamento”, “Contos de animais”, “Facécias”, “Contos religiosos” entre outros. É na categoria de “Contos de exemplos” que encontramos as “Seis aventuras de Pedro Malazarte” (grafado com z mesmo). Todas as aventuras são curtas e, em conjunto, constituem um panorama das características tradicionais da personagem. Na segunda das narrativas, encontramos um relato sobre um caso que envolve um urubu. É esta a história de que Viana se apropria.

Na versão de Cascudo, a história tem início quando Malasartes, movido pelo seu espírito aventureiro, resolve ganhar o mundo. Muito pobre, faz suas andanças a pé, sem levar consigo nenhum objeto valioso. Durante seu trajeto, encontra na estrada um urubu aparentemente machucado, com uma perna e uma de suas asas quebradas. Vendo isso, Malasartes pega o animal e o leva dentro de um saco.

Ao cair da noite, percebeu que estava diante de uma casa bonita de alpendre, e aparentemente grande. Então avistou pela janela uma mulher guardando muitos pratos de comidas que mostravam serem saborosos e junto a eles algumas garrafas de vinho. Malasartes, muito esperto, tem a ideia de bater na porta para pedir abrigo. Ao bater à porta, foi recebido pela mulher, que logo lhe negou qualquer ajuda, alegando não ficar bem ter em casa outro homem na ausência de seu marido. Após a recusa, Malasartes seguiu para debaixo de uma árvore. Pouco tempo depois avistou um jovem rapaz se aproximar da mesma casa, sendo recepcionado com agrados, seguindo em imediato à mesa do jantar. Quando estavam começando a deliciar-se com a bela refeição, foram surpreendidos com a chegada do dono da casa, ele que por sua vez veio montado em um cavalo alazão. Ao perceber a chegada inesperada do marido, o amante fugiu pela janela.

Pedro Malasartes, sempre sendo um sujeito muito esperto, vê ali uma oportunidade de tirar vantagens da traição daquela mulher. Ao perceber que o anfitrião adentra a casa, esperou um tempo suficiente para que o ele pudesse trocar o traje e voltou a bater na porta, dessa vez com a intenção de pedir dormida. O dono, um homem de bom coração, manda-o entrar e o convida para jantar. O que Malasartes não esperava é que a comida que chegou à mesa era muito diferente da refeição que havia visto sendo preparada anteriormente. Fazendo uso mais uma vez de sua esperteza e criatividade, chuta o saco que está embaixo da mesa e de lá de dentro o urubu, que ainda estava machucado, ronca. Malasartes fala baixinho com o bicho, como se estivesse conversando, para dar a entender ao dono da casa que o animal realmente falava e também adivinhava.

O dono da casa, intrigado com tudo aquilo, não perde tempo e pergunta o que o bicho havia descoberto. Malasartes, tomado por sua audácia, afirma que o urubu adivinhou que no armário havia muita comida boa, como peru, arroz de forno, bolo de milho e garrafas de vinho.

A esposa, atendendo às ordens de seu marido, fez-se de fingida e foi até o armário onde encontrou os pratos e os trouxe para a mesa. Ludibriado pela sagacidade de Pedro, o homem faz uma proposta para comprar o urubu. Malasartes o vendeu por uma quantia alta e seguiu seu caminho deixando para trás os efeitos de suas trapaças e o animal que nunca adivinhou qualquer coisa.

Essa é, como já referido, a segunda das aventuras de Pedro Malasartes que encontramos no livro de Cascudo. Como as outras, é bem curta e tem como centro do enredo a esperteza desse tão conhecido personagem na literatura popular. Na próxima sessão, observaremos como Klévisson Viana se aproveitou dessa história para compor o seu cordel e, posteriormente, realizamos uma análise comparativa entre os dois textos.

3.2 Uma leitura comparativa da personagem Pedro Malasartes

No texto de Klévisson Viana existem algumas mudanças em relação à história de Cascudo, embora o cordel tenha se apoiado nessa versão para ser escrito. Em primeiro lugar, há a mudança de gênero literário: em Cascudo temos a prosa e em Viana temos a poesia, o cordel.

Uma das consequências mais imediatas dessa mudança é que no cordel temos o apoio da métrica fixa, em septilhas de redondilhas maiores, e da rima nas 74 estrofes. Isso pode favorecer à memorização do texto além de acrescentar à narrativa o prazer e o jogo sonoro das palavras.

Uma outra diferença no texto de Viana aparece logo nas primeiras duas estrofes e tem a ver com o distanciamento que o eu lírico toma daquilo que narra. Em Câmara Cascudo temos um típico narrador de terceira pessoa, que praticamente não interfere na narrativa a não ser quando emite pequenos comentários como “astucioso larápio” ou “endiabrado rapaz”. Em Viana, o eu lírico aparece de início como alguém que conhece não só as histórias anteriormente contadas e escritas sobre o personagem como também o contexto teórico-histórico que está por trás de Malasartes, dando ao leitor o ensejo de conhecer suas origens:

Silvio Romero e Cascudo
E outros grandes baluardes
Também em suas pesquisas
Divulgaram Malasartes;
É um mito popular
Que pra sempre vai estar
Em quase todas as partes. (E.04)

Este Pedro Malasartes,
Surgiu em terras distantes,
Como “Pedro de Urdemalas”
 (“Ta na obra de Cervantes”);
Veio da Península Ibérica
Pra nossa Latina América
Na mala dos imigrantes. (E.05)

É interessante salientar que as demais narrativas o trazem ressaltando especialmente sua personalidade, caracterizado como um sujeito inteligente e enganador, tal como já falamos anteriormente. Aqui, o autor personificou também suas características físicas, nos dando a oportunidade de o visualizarmos fisicamente. Vejamos nas estrofes a seguir:

Pedro Malasartes foi
Um menino endiabrado.
Não se metia em questão
Para não lograr resultado.
Mesmo sendo amarelinho,
Cabeçudo e bem magrinho,
Atrevido e malcriado. (E. 07)

De rosto comprido e fino
Olho esperto, aboticado,
Sua pele tinha a cor
Do amarelo queimado;
Tinha um comprido pescoço,
A cabaça era um caroço
De manga, quando chupado...(E. 08)

Nas estrofes acima, o autor trabalhou com a construção do aspecto físico de Malasartes. Pois ele criou uma figura relacionada com o estereótipo de alguns meninos do sertão, ou seja, é citado como sendo um menino pobre, magro, de pele queimada, porém muito esperto, características muito comuns em contos literários que retratam o povo sertanejo.

É importante ressaltar que o cordel não fala apenas da história do urubu. Viana, ao desenvolver sua poesia, inclui muitos detalhes; ele parte de uma história relativamente curta e desenvolve nela ramificações que nos convidam a viajar por

toda a vida do personagem, desde seu nascimento, dando detalhes de sua infância difícil, mostrando-nos suas características morais, sem deixar de lado todo o traço humorístico que o envolve. Vejamos então, nas estrofes de número 9,12 e 13:

(...) Foi preguiçoso ao nascer
 (Quase passa da hora!).
 Do ventre de sua mãe
 Não queria vir pra fora;
 Penso que a calma,
 Longe de toda agonia,
 Foi motivo de demora.

Seu pai, pobre agricultor,
 Trabalhava de alugado;
 Se esforçou a vida inteira,
 Vivendo sempre quebrado:
 Por ali tudo faltava
 Co'o dinheiro que ganhava,
 Comia um pão apertado..

Aos cinco anos de idade,
 Fazia qualquer mandado
 (Só nunca serviu foi para
 Fazer serviço pesado:
 Via na inteligência
 A verdadeira ciência
 Do homem civilizado).

Em seguida, o autor segue seu relato, contando as diversas traquinagens que Pedro praticou durante sua juventude, causos astuciosos bem característicos de sua personalidade. Junto dessas mudanças, há outras diferenças entre o conto e o cordel, pois foram acrescentadas ao poema personagens que não estão presentes na prosa, como o pai e o irmão de Malasartes, o João. Essas figuras aparecem quando o eu lírico faz menção à orfandade do Pedro.

Malasartes, ao perder o pai, percebe que seu irmão João, que era totalmente seu oposto, adentra em um desgosto profundo. Ele, que sempre foi um protagonista artilheiro, porém de coração bom, dá a casa que havia recebido como herança para seu irmão. Desde então, segue seu destino como um sujeito larápio, fazendo suas andanças pelo mundo à fora montado em um cavalo magricelo que seu pai tinha deixado, carregando consigo somente seu jeito sagaz e brincalhão.

Ainda por meio do cordel de Viana, descobrimos que durante suas aventuras desfrutou da fama de “milagreiro”. Nesse trecho, o autor conta uma história em que Pedro, movido pela sua destreza, aproveita-se de uma situação delicada, em que uma mulher agonizava de dores no parto e a criança estava em posição horizontal. Malasartes, com muita fome, esperava ansiosamente pela refeição, tomou lápis e papel, escreveu algumas palavras, benzeu-se, pegou algumas raspas de velas, misturou em uma panela com água fria. Então, pôs-se a beber e recitou pesarosamente:

(...) - Valha-me, São Nicolau!
 Com pena de galo sura,
 As asas de bacurau,
 Acuda, São Filismino!
 Se não nascer o menino,
 Eu vou tomar o mingau!(E.26)

O pai da criança ficou ludibriado com a mandinga uma vez que Pedro fingiu-se ser um homem muito religioso, embora sua única intenção fosse apenas aproveitar-se da situação para saciar sua fome. Continuou ininterrupto com suas superstições até que nasceu o menino. O marido, bem satisfeito, mandou matar um carneiro, e presenteou Malasartes com coisas variadas: um pacote de dinheiro e milho para o cavalo. Ele, como sempre esperto, aproveitou a boemia durante todo o mês. A fama de milagreiro espalhou-se por toda aquela povoação, e Malasartes mais uma vez usufruiu das suas trapaças. Esse astucioso personagem segue seu caminho, valendo-se sempre da sua perceptibilidade em relação às dificuldades da vida.

Outro ponto que se defere quando comparado com a prosa, é o encontro de Pedro com o urubu. A história de relação com a ave tem início quando no caminho encontra o corpo de um boi, morto por consequência da seca e que já estava em estado de decomposição e os urubus que ali estavam disputavam incansavelmente o cadáver. Vendo aquela cena, após três tentativas, ele consegue apedrejar uma das aves; em seguida pegou o urubu que se machucou devido ao trauma que sofrera pela pedrada. Vale deixar claro que o propósito de Malasartes era de comer a ave. No entanto, mais tarde o bicho viria a ser instrumento primordial da sua famosa trapaça.

É a partir desse trecho que Viana começou a referenciar-se mais no enredo de Cascudo, fazendo suas adaptações, mas sempre dialogando com a história original. Na prosa, como já indicamos, Pedro a princípio se depara com uma casa grande e bonita, alpendrada. No cordel, ele encontra uma fazenda e como sempre vê ali uma situação oportuna de tirar proveito e se dar bem. Seu primeiro ato foi fingir-se de mendigo e, em voz alta, chamou a atenção de quem estava dentro da casa. Aqui ele foi recepcionado por uma criada descrita como uma mulher dos olhos cor de brasa, que por sinal negou-se a ajudá-lo. Mas por ali mesmo ficou. Foi então que viu um jirau e através dele subiu e escondeu-se no telhado e do alto espiava o movimento dentro da residência.

Continuando com sua releitura, o autor traz o banquete mencionado por Cascudo, porém havendo sempre a necessidade de adaptá-lo ao seu imaginário, como vemos nas estrofes a seguir:

(...) O senhor daquelas terras
Se encontrava viajando;
Sua esposa, traiçoeira,
Estava, então, preparando
Um banquete importante
Para agradar um amante,
Que a dita vinha acoitando.. (E.41).

(...) Pedro viu lauto banquete:
Um bem assado leitão
E a criada tratando
De um saboroso faisão;
Vinho do porto gelado
E peru, bem temperado.
Tudo para o "Ricardão"... (E.43)

Como vimos, nos trechos mencionados anteriormente há um diálogo entre as duas histórias, porém diferenciando-se pela presença da empregada, do jirau e do telhado. Mas os textos assemelham-se em relação ao contexto que envolve o amante.

Dando sequência, o amante, referido no verso acima, chega à casa da mulher e é recebido com agrados, confiando-se os dois que o marido traído não votaria tão rápido de sua viagem. Malasartes, ainda do telhado, vê toda aquela cena. Lá da estrada aponta o fazendeiro que, para surpresa de todos, voltava antes do dia marcado. A partir de então, nessas estrofes surgem mais pontos importantes que divergem e assemelham-se entre o conto e a poesia, vejamos:

Quando a esposa e o amante
Ouviram a voz do marido,
O cabra pulou a cerca
(Quase que perde o sentido!);
A mulher, dissimulada,
Fingindo não haver nada,
Trocou depressa o vestido. (E.47)

O que analisamos aqui, foram as divergências em relação à fuga do amante; segundo Câmara Cascudo, ele “pulou a janela”, para Viana ele “pulou a cerca”; porém temos semelhança em relação ao motivo da fuga e à volta do marido antes da hora.

A esposa, mandou esconder o banquete, recebeu-o com felicidade e logo mandou servir para o esposo um refeição modesta, apesar de ser muito rico, era honesto e muito simples, então sentou-se com prazer à mesa e começou a comer a refeição sem reclamar da comida pobre. Quando Malasartes desce do telhado leva consigo o urubu pendurado pelas asas, em seguida bate à porta da casa e é recepcionado pelo fazendeiro com muita satisfação.

Malasartes disse ao homem:
-Estou prestes a morrer,
Pois há dias perambulo
Neste mundo sem comer!
Por favor, até um pão
Ou um prato de feijão
Pode me satisfazer! (E.52)

O dono da casa muito bondoso fica comovido com o clamor de Pedro e o conduz até à mesa para fazer a refeição. Nessa hora a mulher ficou receosa com a presença daquele sujeito, achando ela então que ele seria um mandante de seu marido para descobrir sua traição. Contudo, Malasartes continuou ali, sentado à mesa. E é nesse ponto que começa então o clímax do enredo:

Malasartes, já na mesa,
Pôs embaixo o urubu.
No coitado, então, pisou;
Foi tão grande o sururu!
Pedro deu uma cutucada
Bem na asa machucada;
O bicho piou: - Uh! Uh! (E.55)

O dono da casa ouviu
(Tomou um susto danado!):
Logo depois, resmungou:
- Moço, que bicho invocado!
Porque ‘tá piando assim?
“Tá agourando, coisa-ruim?
Ou tu pisaste o coitado? (E.56)

Malasartes afirma que o bicho está conversando, alegando se tratar de uma ave criada por um gênio, o que a fez ser inteligente e com poderes encantados.

Durante essas passagens, ficou evidente que o autor buscou acrescentar termos divergentes em relação à prosa. Para Cascudo, o urubu é levado por Malasartes até à casa dentro de um saco; por outro lado, Viana diz que o urubu foi elevado pendurado pela asa e criado por um gênio, o que lhe deu poderes mágicos. Porém, nas duas histórias o bicho fala e é chutado.

Dando sequência, Pedro seguiu sua trapaça, afirmando que o urubu adivinhara que a nobre esposa havia preparado uma linda surpresa. O marido, tomado por curiosidade, pergunta-lhe o que o animal havia dito; a mulher, ludibriada pela sagacidade de Malasartes acaba entregando o banquete que havia escondido, e assim afirma:

Depois disse: - É bem verdade;
Este bicho adivinhão
Descobriu toda a surpresa
Que guardei por meu pimpão...
E gritou para a criada:
- Traga a comida apressada,
Que está lá no fogão. (E.62)

A comida veio à mesa trazida pela empregada, logo depois Pedro toca com os pés novamente na ave, alegando ao fazendeiro que o bicho tornou a adivinhar ainda mais coisas:

- O que ele disse agora,
Nessa grande confusão?
- Está dizendo que, ali,
Tem escondido um leitão
Bem gostoso e temperado
E que também tem guardado
Um saboroso faisão! (E.65)

No texto de Câmara Cascudo, a refeição estava escondida dentro de um armário; no cordel, estava no fogão. A comida que veio para a mesa citada na história contada em prosa distingue-se da que é narrada por Viana pelos seguintes termos: o arroz de forno, o bolo de milho e as três garrafas de vinho. Na estrofe acima temos: leitão e faisão.

Klevisson Viana seguiu sua poesia mostrando a esperteza e alta facilidade que seu célebre protagonista tem em enganar as pessoas, pois a partir desse ponto fica nítido como o homem ficou encantado com as adivinhações que supostamente o urubu foi responsável. Sem imaginar que anteriormente Pedro viu tudo o que havia sido preparado para o banquete do amante, e mais uma vez, o pico da inteligência de Malasartes veio à tona. Após se deliciarem de toda aquela refeição solene, entrou no discurso a negociação pelo urubu:

Depois de grande banquete,
Entraram em negociação,
Pois o homem quis comprar
A ave de estimação...
Pedro não era beócio
E o urubu, no negócio,
Vendeu por um dinheirão... (E.70)

É com esse trecho que Câmara Cascudo encerra seu conto, uma vez que a prosa tem fim quando Malasartes vende o bicho por uma quantia alta em dinheiro e segue seu caminho, deixando o animal de estimação para trás. No cordel, a história prossegue, mostrando-nos o efeito benéfico da trapaça de Pedro Malasartes: a mulher deixa o amante e o protagonista, cheio de dinheiro, foi levar uma vida mais confortável juntamente com seu irmão, João, dando fim a toda necessidade que sofrera desde a infância, como mostram as estrofes a seguir:

A mulher ouvindo aquilo,
Ficou de tudo assustada:
Livrou-se daquele amante,
E buscou ter vida honrada...
Devido ao bicho sabido,
Não mais traiu o marido
Pra não ficar mal falada... (E.72)

Malasartes, com dinheiro,
Foi viver mais à vontade;
Junto com o mano João,
Se mudou para a cidade,
Investiu bem seu dinheiro,
Conheceu o mundo inteiro,
Sem passar necessidade... (E.73)

Essa leitura comparativa nos levou a perceber que Viana, por meio de sua narrativa, acrescentou diversos pontos em relação à história original de Câmara Cascudo, mas sem perder o diálogo entre eles, pois o foco principal do enredo foi preservado, uma vez que o urubu foi o instrumento central das duas histórias; em ambas, o animal supostamente adivinhava, há o interesse pela compra do animal e como consequência disso acontece a venda do bicho por muito dinheiro tanto na prosa quanto na poesia.

Cascudo não nos conta quais as consequências das traquinagens de Pedro; no cordel, o autor optou por inserir esse final feliz para todos os personagens da história, bem como a façanha de tirar vantagens e sair ileso de todas as peripécias praticadas pelo personagem Pedro Malasartes.

Para entendermos melhor quais os pontos que se assemelham e diferem entre as histórias. Vejamos a seguir os termos comparativos da prosa criada por Câmara Cascudo e a adaptação em cordel de Klévissom Viana:

Quadro 1 - Distribuição de elementos narrativos entre a prosa e a poesia

	Cascudo	Viana
Mulher	Presente	Presente
Empregada	<i>Ausente</i>	Presente
Árvore	Presente	<i>Ausente</i>
Jirau	<i>Ausente</i>	Presente
Banquete	Presente	Presente
Amante	Presente	Presente
Cavalo	Presente	Presente
Pular a janela	Presente	<i>Ausente</i>
Pular a cerca	<i>Ausente</i>	Presente
Urubu pendurado pela asa	<i>Ausente</i>	Presente

Urubu dentro do saco	Presente	<i>Ausente</i>
Peru assado	Presente	Presente
Armário	Presente	<i>Ausente</i>
Fogão	<i>Ausente</i>	Presente
Arroz de forno	Presente	<i>Ausente</i>
Bolo de milho	Presente	<i>Ausente</i>
Três garrafas de vinho	Presente	<i>Ausente</i>
Leitão	<i>Ausente</i>	Presente
Faisão	<i>Ausente</i>	Presente
Bebidas em tonéis	<i>Ausente</i>	Presente
Interesse em comprar o urubu	Presente	Presente
A venda do urubu	Presente	Presente
Alto valor em dinheiro na venda do urubu	Presente	Presente

Fonte: A autora (2019).

O quadro acima apresentou de forma sucinta os elementos narrativos que estão presentes e ausentes nos textos que compõem os corpus desta pesquisa. A prosa de Câmara Cascudo e o cordel de Klévisson Viana. Ambos têm Pedro Malasartes como personagem principal e o urubu como centro do enredo.

Vale ressaltar que o cordel tomou a prosa como referência, porém como mostra os resultados expostos no quadro acima, houve diversas adaptações e acréscimos de elementos narrativos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, conhecemos um pouco da história da literatura de cordel, que surgiu na Península Ibérica, e que, segundo Marcia Abreu (2012), não estabelece uma linha direta com o cordel que conhecemos atualmente, que seria produto do solo brasileiro e nordestino. Mas adiante estudamos acerca da figura do sabido nas tradições populares. Especialmente, pudemos ver um pouco mais de perto como os diálogos entre obras de tempos diferentes são importantes não apenas pra lembrar o passado, mas para conectar passado com o presente. A literatura assim acaba se renovando.

Nesse sentido, esse trabalho teve como propósito analisar essa reconfiguração em relação à figura de Malasartes através de uma leitura comparativa entre dois textos, um conto picaresco de Câmara Cascudo e a releitura desse conto criada por Klévisson Viana, um diálogo entre eles que se distinguem e se assemelham em diversos aspectos. Pudemos notar que Viana manteve íntegras as características da personagem principal, deixando Pedro Malasartes como o sabido, tapeador e enganador. Vale deixar claro que mesmo nos referindo a gêneros textuais diferentes, os atributos referidos a ele mantiveram-se iguais. Podemos perceber também que a narrativa de Câmara Cascudo serviu como um ponto de apoio para o surgimento do cordel aqui estudado. Essa pesquisa mostrou que a literatura pode ser reinventada através dos tempos e em diferentes gêneros.

A cultura e a literatura popular são ricas de narrativas e personagens que, se olharmos bem, nos ajudam a entender um pouco da nossa história, da nossa formação enquanto povo. Malasartes, por exemplo, sai da imaginação anônima, viaja de um canto a outro do mundo, mas acaba se ajustando a muitos traços da

nossa história, de um certo jeito de ser e resolver problemas do ser humano menos favorecido, especialmente no nordeste do Brasil. É claro que na vida real não existem tantos Malasartes fazendo o que o personagem faz. Mas há muito prazer de inventar e de ouvir histórias como as dele; a tradição e herança cultural se alimentam também de fantasia. Por fim, entendemos que a literatura de cordel é acima de tudo um instrumento que carrega uma marca de superação e inventividade de um povo que viu nesta arte uma maneira de se expressar. Portanto, esperamos que esse trabalho ajude a reforçar a necessidade de um olhar mais acadêmico para as narrativas populares.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

CASCUDO, Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. São Paulo: Globo Editora, 2003.

DIÉGUES JÚNIOR, Manoel. **Ciclos temáticos na literatura de cordel**. Maceió: Imprensa Oficial Glaciliano Ramos, 2012.

MARCO, Haurélio. **Antologia do cordel brasileiro**. São Paulo, Global, 2012.